

Ofício N.01, - de 22/06/75

Ao Ilmo. Sr. Delegado da 5ª DR/ Cuiabá
Do Chefe do Posto Indígena Sararé
Assunto - Encaminha relatório

Cuiabá, 22 de junho de 1975

Senhor,

Pelo presente passo às mãos de V.S. ,
o relatório anexo das nossas atividades durante o período
de 11 de março de 1975 a 20 de junho de 1975, como encar
regado do Vale do Guaporé, dentro do Projeto Nambiquara.

Com toda nossa consideração,

Sílbene de Almeida
Chefe do PI Sararé

Relatório N. 01, em 20/06/75

NAMBIQUARA - VALE DO GUAPORÉ

Chefe do Posto Indígena Sararé

Sílbene de Almeida

Como chefe do posto indígena Sararé, portaria n. 154 de 03/03/75, apresentamos à 5ª Delegacia Regional de Cuiabá em 11 de março de 1975.

Até 13 de abril, em Cuiabá, foram-nos ministrados pela manhã e a tarde conhecimentos de organização, estrutura social, ciclo da vida, economia, política, ecologia, religião, mitologia, história, língua do nambiquara. Alguns conhecimentos de saúde e planejamento do projeto pelo Coordenador do Projeto Nambiquara - antropólogo David Price.

Encarregado do Vale do Guaporé - chefe de posto móvel dos grupos que vivem ao sul do Rio Pielho até ao Rio Sararé - chegamos na região em 15 de abril de 1975, para assumirmos nossa função dentro do projeto.

A situação geral se apresenta em trilhas inumeráveis atravessadas por derrubadas, carreadores, madeiras, pastagens, grosseira atuação aos índios, naturais habitantes de toda a área. As aldeias já não estão mais tão longe de uma derrubada, de uma serraria, da água poluída. A caça foge, a área de caça se extingue, a área de roça diminui.

São 174 índios espalhados em pequenos grupos desde o Rio Sararé, até ao sul do Rio Pielho, sobrevivendo com pequenas roças de mandioca, milho, batata, cará, banana e o que tem de caça.

São 11 aldeias, além de casas temporárias, entre uma área de campo e floresta próximos de córregos nas encostas ocidentais da Chapada dos Parecis.

São grandes agropecuárias que usufruem da madeira, da mata que derruba, do pasto que planta, do gado que corta, de uma nova situação que se implanta diante de quem não está preparado para maior relação econômica com a sociedade nacional além do artesanato.

É imprescindível uma solução da área interdita entre os Rios Valera e Sararé, pois quando a área em que estão os índios mais devassada estiver, reste-lhes uma faixa de terra, que de direito lhes cabe.

O grupo do Vale do Guaporé têm diferenças com o grupo do nambiquara do campo e do norte, e, a região da reserva Dec. 63.368 de 8/10/68 lhes é estranha. Ao contrário, a área interdita lhes é familiar - apesar de gostarem mais da região que escolheram e estão morando.

Temos de percorrer 1240 quilômetros para entrar em todas as aldeias. Até 6 de junho - quando recebemos um Jeep - havíamos percorrido aproximadamente 1700 quilômetros com o Coordenador e de carona.

Da visita em cada grupo -

1) WASUSE (entrada no Km- 569 da BR 364)

Em área do grupo se localiza a Fazenda Aguapé, cujas estradas passam a 500 metros da aldeia, sua sede a 6 km, seus pastos e derrubadas não mais que 3.

Houve anteriormente tentativa de transferi-los para a Reserva Dec. 64.368. Os índios estranharam a terra e voltaram. Aqui têm uma roça boa, pouca caça. O Capitão Yawé reconstruiu a casa, recém queimada pela morte de uma filha. É necessário o exame de uma criança de 2 anos com um quisto no lado direito do pescoço, entre o ouvido e o maxilar. Já faz bastante tempo e é dolorido.

Fizemos um fichário com dados - nome, nascimento, sexo, filiação, casamento, casa e procedência, além de registros das vacinas que já tomaram, e movimento das trocas realizadas, entregue ao coordenador.

Temos o Sr. Edwin Pedersen, da South America Indian Mission, que está com o grupo desde antes da tentativa de mudança. Quando mudaram, o missionário construiu casa em pretendido lugar, afixando. Os índios voltaram ao lugar original. Assim, distante 120 quilômetros do grupo que dá assistência, suas visitas são mais esporádicas.

Dos 43 índios que compõe o grupo, 17 estavam viajando - alguns por luto, outros em visita.

Apesar do assédio de tal gleba se mantém coesa sua estrutura grupal, gostam do lugar onde estão, mas já sentem a necessidade de uma terra menos invadida.

2) ALÁTTESU (Entrada Km 628 da BR 364) .

Pouco mais de 5 quilômetros dista a " maloca " dos Aláttesu da sede da Fazenda Estrela do Guaporé.

Ssem todos os dias prá caçar - nunca tiveram tão pouco. Voltam tristes, não querem conversa, vão direto prá casa. Estão derrubando áreas prá roça (demarcadas coletivamente). Têm os peixes dos córregos próximos. A água que o índio usa está contaminada por derrubadas e boi. É alto o índice de mortalidade infantil. Do grupo de 25 índios - temos somente 3 crianças com menos de 5 anos, 2 com menos de 15, num grupo de 9 casais. Duas semanas antes de chegarmos morreu uma criança. Durante nossa estadia nasceram duas e na nossa ausência morreu uma. Fizemo-lhes duas visitas.

Têm como assistência o missionário Sung Joon Kim, residente em Guiabá, e como informou o Sr. Gustavo Brinsken, fundador da Missão Cristã Brasileira, foi desligado da missão e sua licença já está vencida. Trabalha com o grupo há 5 anos, fala sua língua, e os visita quando possível.

Além do contato com todo o corpo da Fazenda Estrela do Guaporé, têm a presença da Fazenda Caprioli e do Sr. Mário Brandão. Mantêm contato para troca de açúcar, fósforo, mandioca, por peixe, arcos, algum animal. O Senaia (índio) vai sempre a fazenda cortar lenha por açúcar, arroz, macarrão. Já necessitam de um apoio alimentar "civilizado", pois a caça é escassa e têm pouco desenvolvido a agricultura.

Levantamento nominal, das vacinas e trocas com o coordenador. Têm contatos amigáveis e constantes com os Wasusu e Haihaintesu. Quando fomos pela terceira vez aos Haihaintesu levamos em companhia, Oio, índio do grupo Aláttesu, que tinha a finalidade de conseguir um casamento no outro grupo. ~~Ficamos com~~ Oio conseguiu seu intento.

3) WÂISU (Sorana) (Entrada Km 628 da BR 364)

São 5 índios, facção dos Wâisu que estão na área interdita da, numa casa atrás de um carreador da Fazenda Sorana. Premidos por derrubadas, roças e caças difíceis, ainda têm a hostilidade dos Aláttesu e nenhuma assistência missionária. Não têm boa saúde.

Um homem maduro (40 anos) - Bastião, Joãozinho -25, Maurício-20, a mulher de Bastião-30 e a filha do casal com uns 8 anos. Bastião sentia forte dor de cabeça e não deixou que aproximássemos. Fizemos troca e levantamento.

Existindo em terras da Reserva- Dec.64360 , à margem da BR 364 - Km 628, madeiras e planos de construção de depósito de madeira e casa para empregados da Fazenda Sorana, soubemos pelo administrador Sr. Mário Pitacca, que tinham autorização do sertanista Friedrich Paul Tolksdorff. Alertamos sob as condições legais do processo de autorização pelo Presidente da Fundação e sua regularização como bem do patrimônio indígena.

4) HAIHAINTESU (Entradas Km 628 e 650 da BR 364)

Fizemos três visitas ao grupo. Duas vezes não conseguimos encontrá-los. Conhecemos as aldeias -

Jacutinga - mais norte, nas banhas de Chapada, margem do córrego "Córrego" - 6 kms da estrada que leva à sede da propriedade do Sr. Edmundo José Rodrigues. Têm 3 casas, caça razoável e pouca roça. Poucas horas antes de chegarmos haviam saído, o que não foi possível maiores dados.

Bibi - 5 kms ao norte do campo de aviação, sede, serraria, casas, derrubadas, boi, piões da Fazenda Zillo. Duas casas mais frágeis e uma casida recente. Situa-se no cerrado, não muito longe da mata. Também quando chegamos não estavam.

Bolinha - Aqui encontramos 11 pessoas. Estão reconstruindo a casa ao lado esquerdo da estrada da Fazenda Zillo, beira do antigo campo de aviação desta propriedade. Há 12 quilômetros da sede, há pouquíssimo dos bois. Dizem que têm roça.

A caça nesta área, por ser bem devassada, é difícil. Entretanto havia carne moqueada de porco aqui, na maloca do Bibi, além do que foi presenteada ao Oio - índio dos Aláttesu que leváramos.

Os que encontramos estavam bem. Soubemos pelo Bolinha e José, que no Sararé era "negativo" e que morreram duas mulheres - Maria, Mamãe e uma criança, filha de Raimundo. Provavelmente de malária, que na época alastrou entre os Wáisu, grupo com quem estavam.

Foram mudados em janeiro/75 para a área interdita e voltaram. Encontramos com um grupo de 17 índios na estrada quando voltavam, no Km 616 - Posto do Vale do Guaporé. Estavam cansados, resfriados e com frio. Providenciamos comida, agasalhos, arranjamos local para ficarem enquanto tratássemos dos doentes. Entretanto, foram embora.

De acordo com Dilton Pereira da Silva, operador de trator da Fazenda Sapé, Mocrir, sergipano, motorista de caminhão Mercedes 1513, placa de Andradina, levou da entrada da Fazenda Sapé - Km 517 até ao Km 637, 27 índios de carne. E que o Sr. Oscar, administrador da Fazenda Sapé, tratou alguns que estavam com malária.

Na ocasião, o missionário Gerhard Pauck estava ausente do Alto Sara

ré, onde estavam, e com quem havia brigado.

São assistidos pelo missionário Ernst de Booy, da Missão Cristã Brasileira, atualmente em Vila Bela.

5) SARARÉ (Entrada Km 517 da BR 364)

Nas duas visitas ao grupo visitamos 3 aldeias.

A primeira - onde fica a casa do missionário Gerhard Pauck da M.C.B. que atende ao grupo - está há 8 quilômetros da sede da Fazenda Sapé-Sararé. Tem 3 casas. Duas vezes não estavam os índios nem o missionário.

Não pudemos fazer o levantamento, mas sabemos que devem ser aproximadamente 35 pessoas.

Andando no sentido sudoeste, alguns 6 quilômetros, à beira do alto-Sararé, margem da área interdita, encontramos duas casas. Fizemos trocas com os dois casais que estavam.

Mais uns 5 quilômetros no mesmo sentido - já então dentro da área interdita, outra aldeia com duas casas. Encontramos 6 pessoas.

Os demais estavam ausentes. Têm frutas, parece-nos boa roça.

Mas distantes da "civilização" a caça é mais razoável.

Devido a ausência dos índios não pudemos um levantamento de todo o grupo.

6) WÁISU (Área interdita)

Também estavam ausentes quando visitamos.

Sabemos que atualmente são 18 índios, que 22 foram internados no Posto de Saúde de Vila Bela e no Hospital de Montes e Lacerda. Tomados pela malária, morreram quatro.

Assite-lhes o missionário Heinrich Berg, da Missão Cristã Brasileira, também ausente na ocasião.

Mudaram para a área em dezembro/75 e parecem que querem aí fixar.

Assim são aproximadamente 1/3 de índios vivendo na área interdita e 2/3 espalhados no vale. Esclarecida a questão das terras - chão para pisar - poder-se-á andar com mais objetividade os planos de integração.

Para efeito de esclarecimento solicitamos a V.S. informação sobre as funções do sertanista Friedrich Paul Tolksdorf, como nós funcionário desta Fundação, dentro do Projeto Nambiquara.

Ainda gostaríamos de merecer os expedientes respectivos de toda e qualquer determinação inerente à nossa área.

Sem mais, com nosso apreço, atenciosamente subscrevemo-nos
Cuiabá, 20 de junho de 1975

Silbene de Almeida
Chefe do PI Sararé